



PAULA, Anna Beatriz ; LE BLANC, Claudine. Apresentação. In: **Revista Épicas**. Ano 5, N. 10, Dez 21, p. 5-9. ISSN 2527-080-X.
DOI: <http://dx.doi.org/10.47044/2527-080X.2021v10>

APRESENTAÇÃO

Anna Beatriz Paula
Universidade Federal do Paraná
Claudine Le Blanc
Université Sorbonne Nouvelle

Em homenagem à Catherine Servan-Schreiber (1948-2021)

Este número da *Revista Épicas* dá continuidade à reflexão empreendida na primeira parte do dossiê “A Ásia épica (I)” (*Revista Épicas*, n. 5), que foi dedicada às tradições épicas na Ásia e, mais particularmente, à imaginação geográfica transmitida pela epopeia.

O ponto de partida do dossier foi um questionamento de natureza comparativa, inspirado nos estudos de área (*area studies*) e nos problemas de escala que estes suscitam: tratava-se de perguntar que sentido pode haver em pensar a epopeia no espaço asiático, onde encontramos áreas notavelmente ricas em tradições épicas (Pérsia, Índia, Ásia Central, Tibete, Sibéria, Japão, etc.) e a China, frequentemente citada como um exemplo de civilização sem epopeia.

Parece difícil hoje falar, como pudemos fazer no século XIX, de uma “epopeia oriental” ou mesmo “asiática”: a Ásia, ao mesmo tempo vasta e heterogênea, e flutuante em suas definições, a priori escapa a qualquer modelagem. E se o mundo asiático apresenta um caso notável de difusão épica, o do indiano Rāmāyaṇa no Sudeste Asiático e na Indonésia, exemplificando a unificação de um vasto espaço por uma

narrativa épica, o fato é que a Ásia se divide em espaços autônomos e imensos de grande diversidade – Anatólia, Sul da Ásia, Sudoeste da Ásia, Extremo Oriente, Sibéria, Ásia Central, etc. – que também são espaços épicos, encenados, até constituídos pelo épico. De fato, é a maneira como a epopeia na Ásia pensa e anima os espaços do que se chama Ásia, portanto “Ásia épica”, que está no centro das reflexões aqui reunidas.

As contribuições para a primeira parte do dossiê foram em grande parte vinculadas à viagem narrada por uma série de epopeias, mostrando como a jornada diegética realizada no espaço pelo herói, seja a de *Rāmāyaṇa*, a história de uma jornada (*ayaṇa*) inscrita em seu próprio título, a do romance épico *Miyamoto Musashi* (1935-1939) escrito por Eiji Yoshikawa ou a de *Savitri*, de Sri Aurobindo, aparece muitas vezes como a manifestação de um percurso mais fundamental, de ordem espiritual.

Quisemos, nesta segunda parte, centrar-nos mais particularmente na relação que a epopeia da Ásia mantém com os espaços geográficos e culturais que compõem este continente, focando, sobretudo, na forma como o espaço é representado, na memória de deslocamentos ou migrações que teriam sido realizados, na encenação de “outros”, na articulação, enfim, entre os espaços percorridos *nos* textos e o espaço possivelmente percorrido *pelos* textos.

É, assim, um duplo questionamento, sobre as geografias épicas, e sobre a pertinência de um pensamento geográfico do gênero épico que aqui quisemos aprofundar, mantendo de forma privilegiada as tradições épicas do mundo asiático, numerosas mas demasiadas vezes consideradas em sua singularidade.

O artigo DE L’ESPACE DU FORT A CELUI DE LA PLANTATION. PARCOURS ÉPIQUES BHOJPURIS (INDE DU NORD ET ÎLE MAURICE), de Catherine Servan-Schreiber, que infelizmente nos deixou pouco antes da publicação deste número – que dedicamos à memória desta pesquisadora tão inventiva quanto generosa – constitui um trabalho exemplar deste ponto de vista. Partindo de vários corpora épicos do norte da Índia na língua bhojpuriana, mostra primeiro que a região de composição, recitação e circulação de epopeias cobre uma área imensa, desde o leste de Uttar Pradesh até o oeste de Bihar, das fronteiras de Madhya Pradesh no sul até o indo-nepalês Terai no norte. As epopeias guerreiras e mercantes que por lá circulam ecoam a política de migração e conquista de territórios que animava a sociedade medieval bhojpuriana e que, ao contrário das grandes correntes migratórias do norte da Índia, obedece a um movimento de oeste para oeste. As epopeias bélicas como *Lorik*, *Alha-Udal* ou *Cuharmal* narram de fato uma estratégia de “Rajputização”, ou seja, de adoção do modelo dos Rajputs, guerreiros hindus, por castas de status modesto, que se comprometem a conquistar fortes de propriedade de os principais clãs Rajput – todos a oeste do território Bhojpuri – antes de entrar em alianças matrimoniais lá. A epopeia mercantil, por sua vez, apresenta comerciantes itinerantes cujo gesto é registrado minuciosamente, tanto nas canções – que também refletem o ponto da esposa abandonada – quanto nas epopeias. No mundo indiano caracterizado por sua extrema mobilidade – que também diz respeito a algumas figuras femininas da epopeia guerreira – a narrativa épica aparece, portanto, em grande medida como uma história em uma geografia que não é um simples cenário, mas constitui, em sua extensão, uma das apostas da narrativa.

Mas o mundo bhojpuri também passou por uma migração em grande escala no século XIX no âmbito do contrato de trabalho, um sistema colonial de contratação de mão de obra para as ilhas açucareiras: a geografia da epopeia bhojpuriana, levada pela memória dos noivos ou pelos livretos de mascate, encontrou ali uma nova extensão, mas também uma renovação completa, ao mesmo tempo imaginária, linguística eliterária. Escrito em hindi, língua de prestígio literário mais assertivo, surgem novas criações épicas, como o poema composto pelo “poeta nacional” mauriciano (*rashtriya kavi*) Bhagat Madhukar que foca a jornada dos Bhojpuris fugindo da repressão do colonizador no rescaldo do Motim de 1857, a travessia de Calcutá às Maurícias e a descoberta do mundo cruel da fazenda. É uma nova imaginação geográfica que nasce ali, marítima, nostálgica, colonial, em que a Ásia épica se torna indo-oceânica.

Esta flutuação da geografia ao longo da história está no centro do artigo ESSAI SUR UNE GEOGRAPHIE EVOLUTIVE DANS L'EPOPEE KIRGHIZE DE MANAS, que Julien Bruley dedica à epopeia quirguiz de Manas, que é uma das grandes tradições épicas da Ásia Central e cujo autor mostra a dupla variação – ao mesmo tempo que aponta os limites desta plasticidade – : variação do texto em sua geografia; variação dos espaços do texto e a relação entre o eu quirguiz e os “outros” (russos, chineses), em um contexto étnico e político regional em mudança.

De forma comparável, em L'ESPACE ORDONNE DE LA CEREMONIE POUR CONJURER L'ESPACE ANGOISSANT DES CONQUETES : L'IMAGINAIRE DES TRADITIONS EPIQUES TURCOMANES (*LE LIVRE DE DEDE KORKUT, LE LIVRE DE DEDE KORKUT QADJAR ET LES DESTAN IRANIENS DE KORUGLU*, Monire Akbarpouran lança luz sobre a metamorfose das tradições épicas turcomanas (*Le Livre de Dede Korkut, Le Livre de Dede Korkut qadjar* e os destans iranianos de Koroğlu) que, nos séculos XV-XVI e nos territórios diretamente ou indiretamente preocupados com a conquista da Anatólia, construíram a identidade do Turco Oghuz, nômade, em oposição aos proprietários cristãos das fortalezas, para então, dois séculos depois, no planalto iraniano construir uma nova oposição, desta vez com os persas. Mas também mostra como se pode analisar a ritualização muito precisa do espaço durante as recitações tradicionais contemporâneas de Koroğlu como um índice do modo como os participantes nas recitações do *Livre de Dede Korkut* tiveram que afastar a ansiedade da aculturação originada pelas conquistas turcomanas na Anatólia e no Cáucaso.

Tristan Mauffrey, em LES TERRITOIRES DE GESAR: ALEXANDRA DAVID-NEEL ET LA MONDIALISATION DE L'EPOPEE TIBETAINE, examina, por sua vez, de forma mais reflexiva, a forma como os discursos não tradicionais (literários, acadêmicos ou políticos) desenvolvem uma geografia épica, tomando o exemplo de Gesar, uma tradição épica partilhada pelos tibetanos e por várias populações mongólicas do Alto Ásia. Ao fazer uso das categorias de ecologias literárias propostas por Alexander Beecroft, mostra não só que os espaços de Gesar variam de acordo com os discursos e seus objetivos políticos – manifestos no formulário de candidatura ao Patrimônio Imaterial da Humanidade pelas autoridades chinesas em 2009 – mas que são mesmo esses discursos que atribuem territórios a Gesar: as próprias noções de espaço ou território utilizadas

pelos críticos devem, portanto, ser questionadas, e particularmente quando tais tradições são dadas para serem lidas a um público não local, em um contexto de globalização.

O texto de Alison Krasota e Monica Okamoto, *O MITO KAPPA COMO RELATO ETNOGRÁFICO*, apresenta um estudo do conto “*Kappa*”, de Ryûnosuke Akutagawa (1892-1927), investigando as possibilidades do mito enquanto relato etnográfico. Krasota e Okamoto desenvolvem uma investigação antropológica da realidade descrita pelo protagonista – o paciente 23 – quando, em suas alucinações, viaja pelo mundo dos seres mitológicos chamados kappas. O conto transita pelo gênero fantástico o que conduz ao questionamento de nossa própria realidade. A realidade humana, portanto, passa a ser tão estranha quanto o mundo dos kappas. Para esse protagonista – que se localiza num entrelugar – esses dois planos existenciais e, de certa forma, parecem igualmente e simultaneamente exóticos e familiares a ele.

Por fim, o texto *O ÉPICO NA LITERATURA AINU: KUTUNE SHIRKA*, de Esther Yuri Matsuo e Anna Beatriz Paula busca apresentar o texto *Kutume Shirka*, como uma obra fundamental para os estudos da Épica Oriental, partindo da perspectiva crítica em relação ao apagamento que a cultura do povo Ainu sofreu para a constituição de uma cultura e literatura nacionais do Japão. As autoras resgatam pesquisadores que desde o início do século XX vêm se dedicando à tradução de textos literários ainu como uma forma de fortalecer a luta pelo reconhecimento cultural desta e de outras comunidades, suas línguas e literaturas, buscando não apenas políticas de reparação históricas, mas também, o respeito aos saberes tradicionais dessas comunidades que igualmente formam a cultura do Japão. O estudo do material épico se concentra na figura do herói e de como a sua construção reflete a presença dos povos na geografia da região em que a narrativa acontece.

A seção **Projét Épopée**, dirigida por Florence Goyet, primeiramente, apresenta outro artigo de Catherine Servan-Schreiber, que estende nossa homenagem a essa grande pesquisadora. *ADAPTABILIDADE DO ÉPICO AO PÚBLICO: O CASO DE LORIK (NORTE DA ÍNDIA)* analisa as variações no desfecho de uma epopeia e mostra que elas dependem de seu público. A epopeia indiana de Lorik é um bom exemplo: de uma trama relativamente constante, não há um, mas uma infinidade de finais. Inicialmente, essa epopeia faz parte do repertório da casta pastoral e marcial dos Ahirs, mas os vários cantores adaptam-se às suas sucessivas audiências, e recebem um final diferente consoante se encontrem numa sociedade de castas aldeãs, num ambiente tribal, em uma assembléia política, ou no contexto do Islã Sufi indiano medieval. Esta seção também apresenta um artigo de Beate Langenbruch: “OS DOZE PARES DE FRANÇA VEM DE BELEM DO PARA...”: HERANÇAS E MUTAÇÕES DO EPICO MEDIEVAL FRANCES NA CULTURA POPULAR BRASILEIRA. Beate Langenbruch analisa as diversas maneiras pelas quais a cultura popular brasileira atualiza a herança épica medieval francesa. Tendo chegado ao Novo Mundo através da História do Imperador Carlos Magno, o material carolíngio é um grande sucesso por lá com todos os públicos. As vozes individuais e coletivas são prova disso: a oposição estruturante entre pagãos e cristãos permanece operante e significativa até hoje em conflitos políticos, manifestações culturais, folclore afro-brasileiro, literatura de cordel e música popular. E se Carlos Magno e seus Doze Pares fossem brasileiros?

A **Seção livre**, por sua vez, reúne os artigos *LA SEMAINE, O ÉPICO BÍBLICO SOBRE A CRIAÇÃO*, de Ivanildo Araujo Nunes, e *ABOUT EPIC SUBJECT: HEROES, HEROINES AND ANACHRONISM*, assinado por Christina Ramalho.

A seção **Resenha** traz *UMA PRIMEIRA EDIÇÃO DE MEMORIAL DA PAIXÃO DE CRISTO E TRIUNFO DO DIVINO AMOR (TERCEIRA PARTE)*, DE SOROR MARIA DE MESQUITA PIMENTEL, de Nellihany dos Santos Soares. E, por fim, em **Relato de pesquisa**, temos *REVOLUÇÃO PERNAMBUCANA*, DE MEDEIROS BRAGA, de Guilherme Andrade Gois.

Agradecemos as contribuições recebidas e desejamos a todos uma excelente leitura.